

ASSEMBLEIA INDIGENA

Líderes indígenas do Purus:

PAUMARI, JARAWARA E JAMAMADI DEFENDERÃO TERRA DOS APURINÃ

Tuxás das nações Paumari, Apurinã, Jarawara e Jamamadi estiveram reunidos em assembleia, no lado Katipari, município de Pauini, no rio Purus (Amazonas), no período de 15 a 18 de fevereiro, quando se comprometeram a defender, juntos, a terra do Apurinã, neste momento ameaçada por políticos e fazendeiros da região. Não faltou Keneri, a dança Apurinã, por meio da qual os líderes se confraternizaram. Ao final da reunião o tuxáua Hélio Luis, Apurinã, tomou a iniciativa de escrever uma carta ao presidente da FUNAI em que afirma: "Por esta terra nós faremos a guerra. Se a FUNAI não vier demarcar nossa área". O Porantim transcreve os principais depoimentos feitos na assembleia, recolhidos pela equipe local do CIMI e OPAN e a carta do líder Apurinã.

PAUMARI — Chico Serafino: *Prá começar, nós queremos a nossa terra, por que somos pobreza, a mercadoria que nós entrega ao patrão, ele engana nós. Nós precisamos ajudar os outros, se todo mundo se ajuda, pode ser que no outro ano temos a terra.*

JARAWARA — Juracl: *Eu chego de muito longe. Também não temos terra demarcada. O branco quer tomar nossa terra, mas é nossa. Eles não deixam abrir estrada para tirar sorva. O branco (Cariú) engana nós.*

APURINÃ — Agostinho: *Nós viemos visitar os parentes, meus primos. Nós ouvimos falar que o branco quer tomar terra deles (Apurinã do Katipari). Viemos a esta reunião para ver se nós consegue ajudar, assegurar a terra deles para plantar sua roça e viver tranquilos. Então nós em Lábrea fomos um a reunião. Nós falamos com o chefe da FUNAI (Apoera Murreles), e ele falou para nós tirar a terra que nós temos direito. E nós tiramos mas depois falou com o prefeito de Lábrea e quando voltou para Porto Velho a coisa parou, mas nós começamos a marcar a terra, vamos continuar. A terra é nossa, vamos morrer lá. As pessoas que vem de fora divide a terra entre eles, e nós por que não temos direito? Quando Pedro Cabral diz que descobriu o Amazonas, descobriu nada. O índio descobriu. Seringa já está retalhada, sorva não tem mais. Eles já enicaram nas custas de gente. É impossível que a FUNAI não defenda nós. O Tinô (José Falcão Filho), prefeito de Lábrea, diz que tem 22 seringais e nós, não é possível que não tem direito a um pedaço de terra para criar nossos filhinhos.*

APURINÃ — Hélio: *Outro problema foi a polícia lá em casa; e mandou a gente sair. Porque um fulano diz que comprou a terra. Este fulano mostrou os documentos, aí eu vi, e não falava nada, aí eu disse que não. Nós já estamos aqui há 16 anos e não vamos sair.*

EU CHORO POR MINHA TERRA

APURINÃ — Amadeu: *Eu vim do Seruini, para visitar o meu tio. Então eu tenho um roçado todo cercado por fazendeiro. Então eu choro por minha terra, não tanto por mim, que já estou velho, mas por meus filhos. Então eu venho aqui para ajudar meus parentes e os outros também a poder ter terra. Nós não temos muitas coisas, tenho terçado e machados, não temos material, podemos plantar pouco. Então eles (cariú) dizem que nós estamos invadindo. Então nós estamos aqui para ajudar a todos, uns aos outros, os velhos não tem mais força, os novos podem lutar. Nós segurando a nossa terra, temos comida assegurada. Trabalhando para os outros tudo se acaba e não temos para comer. Então dizem que o índio não sabe de nada; mas é bom assim, a gente vive a nossa vida. Cada vez vez mais fazendeiro está apertando (MANASA e Zé Cordeiro) e não tem mais lugar para nós.*

APURINÃ — Pedro Carlos: *Eu vim aqui para ajudar meus parentes do Katipari. Eu escutei que querem jogar fora meus parentes (do Katipari), mas não pode. Eles querem tomar tudo, queimar roçado e jogar pra fora.*

APURINÃ — Brás: *Nós trabalha muito. Não tem nada, não sei o que é mercadoria. Eu fiz produto, um pouco não dá prá pagar não. Eu trabalhando com febre, não tem nada. "Vamos jogar fora vocês todos, vocês não fazem nada, índio não sabe trabalhar" — Chico Barros e gerente — só isso mesmo que eu posso contar. Eu trabalhei*

"Ele disse: cadê documento? Eu disse: índio não precisa de documento. Nós nascemos aqui!"



muito, plantei na praia; a praia é nossa, mas Chico Barros diz que índio não pode plantar na praia; Chico Barros queria a praia para freqüentes dele... Chico Barros ameaçou de chamar a polícia.

"FECHARAM OS IGARAPÊS"

APURINÃ — Lopinho: *Meu pai nasceu e se criou neste local até morrer. Trabalhou e nunca teve nada, por que? O branco sempre tira de nós, do nosso trabalho e do nosso suor, e de qualquer jeito é assim, nós não estamos exercendo. Por última vez chega este branco, chegou Zé Cordeiro. Chegou e fez fazenda na extrema nossa. Então ele soube que tinha índios lá dentro que tomava conta e não deixava ninguém entrar. Então ele foi e disse que ia cortar o seringal São José, mas eu disse que não, que não podia. Então ele disse cadê o documento? Então eu disse que nós não precisa de documentos, nós índios nascemos aqui que temos o direito de morar e não vou deixar o senhor entrar. Dois anos depois ele veio prá cortar novamente em baixo. Assim depois de três anos eles queriam cortar e passar de novo na área do índio com estrada. Até veio um ofício da polícia para eu ir lá. Fui lá, tinha até um parente lá (polícia). Disse que o Zé Cordeiro tinha queixa contra mim. Então eles (Zé Cordeiro, o prefeito de Pauini, Sebastião Pereira Afonso) foram na FUNAI de Rio Branco, não sei se lá compraram o cara da FUNAI, até eu sei o nome. Então veio uma carta para mim. Vem dizendo isso e aquilo, que ia passar uma estrada, e que não ia fazer mal para nós e que nós deixássemos entrar. Então eu fiquei por esta carta. Depois vieram os tratores, fecharam os igarapês. Então como que não iria prejudicar? Vocês fechando o igarapé matam a terra. Então eles disseram: "Vamos para FUNAI em Rio Branco. Mas eu falei em Rio Branco não adianta, só em Brasília falar outra vez com a FUNAI. E não quiseram.*

SÓ DEUS ME TIRA DAQUI

APURINÃ-Hélio: *É por isso que falo é preciso a gente se unir. Então a gente está conversando para ver se consegue uma área indígena boa para garantir o nosso futuro. Precisamos nos unir para defender nossa terra com coragem. Precisa também tuxáua que fale com todo mundo e todo mundo respeite. Nós somos filhos da terra da terra, somos da gema e não podemos deixar nos expulsarem por mãos estrangeira.*

APURINÃ — Pedro Carlos: *Pois é, o que temos que fazer, vamos fazer. O branco invadiu a nossa terra, o branco quer fazer de nós cachorro. O branco vem da terra dele incomodar o índio. Nós temos mais direito que ele à terra. Assim chegam: agradam os índios. O índio é muito besta, acredita em tudo. Quando branco está com bolso cheio, joga o índio e faz fazenda. Então nós queremos nossa terra para poder viver tranquilos. Já estou com 52 anos (no Peneri), tem minha mulher enterrada lá, meu sogro enterrado lá. Eu não sou cearense, eu não sou riograndense, eu sou índio e tenho direito à minha terra. O Zé Cordeiro queria me jogar fora, mas eu disse não. Eu não vou sair, só Deus vai me tirar daqui.*

APURINÃ-Adroaldo: *Bem eu corto seringa, no seringal do meu avô. Bem, o pouco que eu tenho vendo para o branco. E nada tenho. Bem, meu avô mora aqui, e nasci e me criei aqui. Eu vendi três peles de borracha. Nós não recebemos nem conta nem talão.*

PAUMARI — Chico Serafino: *Um quilo de borracha, quanto que o patrão paga?*

APURINÃ-Faustino: *Cr\$ 25,00. Agora passou para Cr\$ 40,00.*

APURINÃ-Nivaldo: *Nós conseguimos trabalhar bastante, mas só dá prá comprar um quilo de sal, querosene e fósforo. O Chico Barros nos prometeu jogar para fora.*

PAUMARI — Chico Serafino: *Nós se une tudinho. E não vai jogar para fora.*

APURINÃ-Hélio: *Mas, viu pessoal, mas nós temos que pensar em se reunir, para poder tirar uma terra e morar todos juntos. Então nós precisa de amizades com parentes nossos. Vocês aqui querem fazer o serviço, outro já não quer, mas tem que se unir prá poder.*

APURINÃ-Chico Artur: *Bem nós estamos aqui na terra do meu avô. Eu sou índio mesmo. Então faz muito tempo que moro aqui.*

APURINÃ - Amadeu: *Daqui para baixo até onde vocês pescam?*

APURINÃ - Pedro Rafael: *Por baixo do Katipari.*

APURINÃ - Amadeu: *E para cima?*

APURINÃ - Pedro Rafael: *São Sebastião.*

APURINÃ - Amadeu: *Eu pergunto, é por causa de se tirar um travessão, onde é que ia ser?*

APURINÃ — Pedro Rafael: *A extrema é o Lago mesmo.*
APURINÃ — Amadeu E Chico Artur: *Não pode, logo não pode ser extrema. Tem que tirar por trás.*

"FUNAI VAI LEVANDO A GENTE NA CONVERSA"

APURINÃ-Agostinho: *Então eu achava que a FUNAI viesse para medir a terra. A FUNAI promete e vai levando a gente na língua e nunca vem marcar a terra. Como eu já tirei travessão, eles prometem de vir, mas só eles ficam prometendo e não vem. Então nós temos que proteger nossa terra, nós não podemos deixar invadir nossa área. A FUNAI era bom que viesse logo e então nós mostrasse o papel e acabava logo. Assim que era para fazer. Eu em Lábrea empatei bastante deles de entrar. Mas era melhor se eu tivesse o meu papel para mostrar. Eles dizem que estou mentindo. E também o negócio de cachaca. Eu achava bom que nós não bebêsse. O chefe que toma conta do grupo não bebe, se não começa a putaria e aí vai todo mundo se espalhando. A cachaca a gente deve deixar de beber. Não digo não beber mais. Mas beber um mata bicho, dois, mas não beber muito não. E outra, nosso grupo tem que se unir. Quando broca tem que ir todos unidos, assim prá derrubar, depois plantar. Fazer roçado grande, assim fica pra nós todos, e todos unido a gente vai prá frente. Roçado pequeno cada um fazendo por si não adianta. Eles não sabem o nosso sofrimento, o que nós estamos fazendo.*

PAUMARI — Chico Serafino: *Osmar Farias queria que nós trabalhássemos só para ele, para ele poder nos enganar sempre. O patrão só queria nossa força mesmo. Ele deu minha conta, aí minha nora falou que eu estava devendo Cr\$ 14.000,00. Eu só comprei coisinha pouca. Aí eu voltei, falei que estava roubando. Então ele fez a conta outra vez e o débito era de Cr\$ 2.000,00. Era ou não era roubo? Branco diz para nós: vocês trabalham, eu dou mercadoria para vocês, dada mesmo. Não é verdade não, eles tiram de nós.*

Carta de líder Apurinã:

"POR ESTA TERRA, FAREMOS A GUERRA"

Katipiri, 17 de fevereiro de 1980.

Sr. Pres. da FUNAI:

O tuxáua da tribo Apurinã. Nós estamos aqui reunido conversando com outro índio de outra tribo: Paumari, Jamamadi, Jarawara, sobre o problema de nossa terra. Porque nós tem sido sempre judiado pelas mãos do branco.

Então nós pede a FUNAI parar ficar ciente de tudo o que está se passando entre nós índio. Também outras tribos sofrem a mesma necessidade nossa. Então por que o governo não cumpre com a ordem, vez que a FUNAI não tem coragem de trabalhar pelos índios. Por que pegar esta patente.

Então nós aqui estamos reclamando para os órgãos de assistência ao índio prá não dizer que os Apurinã que está sofrendo porque não manda notícia. Então nós manda esta notícia para amanhã depois não dizerem que os índios é traiçoeiro. Vocês devem ficar avisados que a gente para ganhar dinheiro deve cumprir com os direitos.

Olha vocês deveriam sempre escutar o que nós falamos sobre nossa terra, por esta terra nós faremos a guerra se a FUNAI não vier demarcar nossa área. Depois vão ter muitos trabalhos para desenrolar as posições que eu digo.

A gente "quando não pode com o pote não pega na rodilha"

Bem nada mais, do índio Apurinã.

Hélio Luis Ferreira Amorim.